

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 658

Título: TRÊS FÓSFOROS

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): TEAESA RITA

Adaptador:

Realizador:

Locutor:

Data de produção:

Data de Emissão: 1

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
	GUARDA
	1º PRISO
	2º "
	CHEFE
	DIRECTOR

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐ Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

16peis

(V.S.F.F.)



Notas:

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ATORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO - PEÇA EM 1 ATO

13 de Maio

Teresa Rita

T R E S F Ó S F O R O S

Peça em 1 Acto

*Substitui o original
texto tirado em stencil*

P e r s o n a g e n s

Guarda

Preso - primeiro

Preso - segundo

Chefe -

Director

(Cela de prisão. O guarda prepara-se para sair com os pratos do jantar que acabou de servir aos dois presos. Sai. a luz apaga-se).

PRESO 1º. (gritando) - Senhor Guarda! Senhor Guarda!

GUARDA (Entreabrindo a porta, de mau modo) - que é que foi?

PRESO 1º. - Até agora... ficamos às escuras!?

GUARDA - Ai não!... Ou querias luz fluorescente...?!

Pelos vistos não estás ainda acostumado cá ao palacete.

PRESO 1º. - ...Mas nem uma vela...? Emprésteme uma vela!

GUARDA - Olha o gajo quer fazer serê... Pois aqui, meu menino é deitar com as galinhas. E nada de cantar de gallo! (Ri-se. Vai de novo sair)

PRESO 1º. - Mas eu não posso ficar assim às escuras!...

(caminha para ele) Oh Senhor Guarda... venda-me uma vela...

(Reconsiderando) Fie-me uma vela!

GUARDA (Depois de o olhar de alto a baixo com divertido desprezo) - Olhem para ele! Com que então fiar-lhe uma vela...! O cágado não perde tempo. (Para ele). Isso é a força de hábito, não?...

PRESO 1º. - Eu pagava-lhe quando a minha mãe cá viesse...! (Pega-lhe na manga, a impedi-lo de sair)

GUARDA - Este gajo é parvo! Deixa-me, diabo, Tu pensas que eu sou caixeiro, ou quê... Onde é que eu tenho a vela?! (Sai)

PRESO 1º. (Vai sentar-se a um canto, abatido) - Ainda se fosse de verão ... Mas agora de inverno as noites nunca mais acabam... (O guarda apaga, lá fora, a luz. A cena fica iluminada pela

claridade indispensável para se divisarem os vultos, os gestos e, vagamente, as expressões. A cena deve dar tanto quanto possível a impressão de escuridão acabrunhando. Preso 2º. arrotta e arrota e vai estender-se pesadamente na enxerga).

PRESO 1º. - Vizinho... (O outro não responde! Mais alto) Vizinho!

PRESO 2º: (Regozando de riso) - Com que então "vizinho"...?!
"Vizinho"...!

PRESO 1º: - Atão... o que é que tem? Você não tá ao pé de mim?!
É meu vizinho.

PRESO 2º. - "Vizinho", anã?! Onde é que o gajo pensará que está?!... (Volta-se para o outro lado) Agora não me chateies. Vou dormir. (Deita-se e começa a risonhar)

(Preso 1º. levanta-se. Vem à frente, olha para todos os lados: Senta-se no chão e desabota os cordões das botas. Sente frio, levanta-se e anda alguns passos. Tropeça nos cordões desatados. Senta-se de novo no chão e ata-os. Levanta-se. Olha desamparado em volta. Fixa uma janela pequena e alta, gradeada, que deixa entrar uma débil claridade da rua. Aproxima-se, põe-se em bicos dos pés e tenta chegar aos ferros. É alta de mais, desiste. Olha em volta, à procura de qualquer coisa por onde possa subir. Não encontra, vai sentar-se na sua enxerga. Levanta-se para ir tapar os pés do preso 2º. que se enrodilhara nas mantas. Volta a sentar-se. Preso 2º. mexe-se e a manta escassa descobre-lhe de novo os pés. Preso 1º. vai tapar-lhos de novo. Torna a sentar-se. Mexe nas algibeiras, talvez na esperança de encontrar fósforos. Não encontra. Deita-se. A janela fica-lhe por detrás. Levanta-se e deita-se ao contrário, para estar de frente para a janela. Fixa-a algum tempo. Tem uma ideia: levanta-se, leva a enxerga junto da parede da janela, dobra-a, sobe-lhe para cima e tenta chegar com as mãos à grades. Não chega. Desce, desconsolado. Senta-se na enxerga. Levanta-se vivamente a uma nova ideia: dobra a manta em diversas dobras, despe o casaco e a camisa e as calças, fica em ceroulas a tiritar de frio. Dobra tudo, põe em cima da enxerga, e experimenta de novo alcançar a janela. Não consegue por menos de um palmo. Desce. Olha em volta, à procura. Treme de frio. Olha depois para as suas ceroulas. Hesita em despi-las também. Calcula se elas preencheriam a distância, desiste. Veste-se. Vai pôr a enxerga no lugar, senta-se nela. Vai de novo tapar os pés do preso 2º.. Volta ao seu lugar. Acaba por estender-se na enxerga, de papo para o ar.)

PRESO 1º. - Nem me posso entreter a contar as canas do telhado!...

- Quando parti a perna era assim que me deixava dormir. Mas não estava este escuro. Entrava claridade pelos buracos do telhado. Mas este é mais fechado que o chão.

(Volta-se. Levanta-se e torna a sentar-se no colchão) Parece que estou debaixo da terra. Se ao menos tivesse fósforos...! (Vai junto do preso 2º. e chama-o) Vizinho! Oh vizinho! (Ele não responde. Abana-o, puxa-o por um braço. Nada. Vai fazer-lhe cócegas nos pés. O outro mexe-se. Soergue-se, estremunhado. Grunhe qualquer coisa) Estava a tapar-lhe os pés... Ouça! Ouça! (Bate-lhe no ombro enquanto ele dá mostras de ter adormecido de novo) Acorde! Faça favor, Acorde!!

PRESO 2º. (Senta-se na cama, assarapantado) - O que é que tu queres, anh? O que é que tu queres com um raio que te parta?

PRESO 1º. - É ... era p'ra ver se tinha fósforos que me empres-tasse...

PRESO 2º. - Tenho cá fósforos nem a tua avó! P'ra que é que queres os fósforos?

PRESO 1º. - Tenho aqui uma pulga. Não posso dormir. Queria caçá-la.

PRESO 2º. - Ora vai-te lixar mais a pulga! (Deita-se e volta-se para o outro lado)

PRESO 1º. - Emprésteme fósforos! Vossemecê tem... Se você me desse uma caixa de fósforos eu dava-lhe um maço de cigarros!

PRESO 2º. (Soerguendo-se) - Dá cá.

PRESO 1º. - Agora não tenho. Dava-lhe... quando a minha mãe cá viesse.

PRESO 2º. (Deitando-se) - Olha o melro! Querias fiados, não?! Já vi que tens a mania dos fiados!

PRESO 1º. - Espere! não durma. (Procura nos bolsos) Olhe, então dou-lhe... (Tira um pedaço de fio, uma chave grande e velha, um farrapo de lenço. Desconsolado) Não tenho nada p'ra lhe dar. Mas quando a minha mãe cá viesse, juro-lhe que...

PRESO 2º. - Deixa-te de lérias! Quero dormir. (Deita-se) A tua mamã vem cá tanto como eu dizer missa.

PRESO 1º. - Olhe, dou-lhe uma peúga!

PRESO 2º. - P'ra que é que eu quero uma peúga? Ainda se fossem as duas...

PRESO 1º. - Uma caixa de fósforos não vale duas peúgas. E sempre é melhor uma que nenhuma.

PRESO 2º. - (Sentando-se na cama) - Mostra cá essa peúga. (Acende um fósforo. Preso 1º. senta-se na cama, tira a bota e mostra-lhe uma peúga toda aos buracos) Isso parece uma rede de apanhar pássaros.

PRESO 1º. - É melhor que nada... Quer? Sempre é melhor que nada. Era de lá. Era uma boa peúga.

PRESO 2º. - Isso já não é peúga, é um esqueleto de peúga! (Ri-se. Depois, para o outro que se não riu) Por que é que não te ris...?

PRESO 1º. - Eu... rir... porquê?

PRESO 2º. (Despetado) - Pelo que eu disse. Não foi uma piada gira?!

PRESO 1º. - Ah... é verdade! (Faz por se rir. Pondo-se sério) Mas eu não gosto que desfaça da minha peúga. Sempre é uma peúga! É melhor que nada. (Convincente) Quer? Fica Fica com um pé quente e o outro encolhe-o p'ra debaixo do rabo. E eu faço o mesmo. Ficamos os dois governados.

PRESO 2º. - Lata não te falta... Olha lá, a do outro pé não terá os buracos mais magrinhos...?

PRESO 1º. (Rindo-se) - Os buracos mais magrinhos... Esse tem graça... (Rindo-se muito) Tá a ver, agora achei graça.

PRESO 2º. - Achaste?! (Ri-se, Pára, desconfiado) Ou isso é p'ra me impingires essa meia fedorenta...?!

PRESO 1º. - Não senhor, achei graça...! (Ri-se muito) Os buracos das minhas peúgas tão gordos, anh?! Atão é porque comem melhor que o dono! (Descalça a outra bota) Onde é que você tem mais frio: nos dedos ou nos calcanhares?

PRESO 2º. - Que história é essa...?

PRESO 1º. - É que a outra não tem biqueira e esta não tem calcanhar. Qual é que você que melhor?

PRESO 2º. - Dá cá uma qualquer.

PRESO 11º. - Olhe, vamos tirar à sorte. (Apontando ora para um pé ora para o outro, ao ritmo de uma cantilena que as crianças usam no jogo das escondidas para escolher a que fica de olhos tapados) "Ita nulta, ita nuá, jogando à breca, safa está" Olhe, calhou nesta, a da biqueira boa.

PRESO 2º. (Desconfiado) - Fizeste batota! ou pensas que eu sou parvo?! Tu bem sabias que começando no calcanhar dava no fim biqueira!...

PRESO 1º. - Não sou trifulhento! Mas se quer faço outra vez...

PRESO 2º. (Arremedando-o) - "Se que faço outra vez"... O esper-tinho...! Agora comes no outro pé e já sabes que dá calcanhar. Sabes sempre o que vai calhar...!

PRESO 1º. - Atão... como é que vai ser...? (Pensa) Só se baralhar.

PRESO 2º. - Vou acender um fósforo p'ra não te deixar fazer batota. (Acende) Baralha lá agora.

PRESO 1º. (Calça a bota, faz tropelias com os pés, cruza-os, descruza-os, pára com eles cruzados. Repete) Ita nulta, ita nuá, jogando 'à breca safa está!

PRESO 2º. (Atirando o fósforo para o chão, com um palavrão) - Já me queimei por causa dessa trampa! (Acende outro fósforo) Não tires a mão que eu é que vejo o que calhou. (Vai olhar) Outra vez biqueira! É tu a dar-lhe com a biqueira...! Tu queres é ficar com a outra, mas a mim não me enganas! Quem vai tirar sou eu. Calça a bota e baralha lá! (Preso 1º. faz o mesmo jogo de baralhar os pés. Preso 2º. continua esquecido de fósforo aceso, queima-se outra vez e atira-o para o chão)

PRESO 1º. - Não gaste mais fósforos!

PRESO 2º. (Tateia-lhe as botas. Escolhe) - Esta! Descalça lá!

PRESO 1º. - Tire a mão.

PRESO 2º. - Ná! Tu queres é trocar...

PRESO 1º. - Como é que quer que eu descalce a bota...?!

Atão segure mais acima. (Preso 2º. agarra-lhe a perna. Preso 1º. vai apalpar) É...

PRESO 2º. - Quem vê sou eu! (Apalpa) é calcanhar! Tás a ver como tu fazias batota? Descalça, anda!

PRESO 1º. (Descalça a peúga e dá-lha) - Veja lá não a calce pelo buraco do calcanhar. Dê cá a caixa que eu acendo um fósforo. É p'ra festejar a troca. Agora a caixa é minha! (O outro entrega-lha, ele tira um fósforo e acende) - Só tem três fósforos! (Uma pausa de surpresa e desconsolo) Você é que fez tráfuhice, seu malvado!

PRESO 2º. - Cuidadinho com a língua, anh! Vá lá chamar nomes à sua avózinha.

PRESO 1º. - Você enganou-me. Dê cá a minha peúga!

PRESO 2º. - Ora essa, o que tá feito, tá feito! Tu não me perguntaste quantos fósforos tinha a caixa! Não tens nada que te queixar.

PRESO 1º. - Não perguntei... mas pensava que 'tava cheia. Três fósforos! P'ra que é que dá, três fósforos?!

PRESO 2º. - P'ra três pulgas. (Ri-se e desita-se)

PRESO 1º. (Com amargura mas sem raiva) - Você enganou-me, seu malvado. Três fósforos! (Senta-se) Você fez pouco de mim. Tou eu aqui com um pé gelado por sua causa!

PRESO 2º. - Mete-o debaixo do rabo.

PRESO 1º. - Você é malvado. Quis foi palmar-me a peúga.

PRESO 2º. - Os meus fósforos pelo menos estão novos. São em primeira mão. (Ri-se) Agora a fedorenta da tua peúga é que já deve ser em 2º ou 3º. pé... (Ri-se) E com esta porcaria ainda tenho o pé mais frio do que dantes.

PRESO 1º. - É porque não o aqueceu primeiro. Quer que a peúga faça tudo, não? (Tem uma ideia, levanta-se. Vai propô-la ao preso 2º.) Vamos aquecer os pés?

PRESO 2º. - Com o que é que tu queres aquecer os pés...? Vais fazer alguma fogueira com os teus três fósforos...?!

PRESO 1º. - Vam bater com os pés no chão! Aquece.

PRESO 2º. - Ora vai-te mas é lixar! E deixa-me dormir.

PRESO 1º. - Não tenho sono. Não sou capaz de dormir aqui. Quando me deito sinto uma coisa fria em volta do pescoço, como uma cobra. Parece-me que 'tou numa cova, e que há cobras a mexerem-se no escuro.

PRESO 2º. - O gajo é maluco...! Trata mas é de dormir que aqui não há papões. Isso é de ser a primeira noite. Logo te habituas.

PRESO 1º. - Não me habituo. Nunca. Não posso. Não sou capaz: (Abanando-o, numa ansiedade) Vizinho! Vizinho!

Não durma ainda.

PRESO 2º. - Vê lá se não me chateias, anh?! Quero dormir.

PRESO 1º. (Baixo, a medo) - Já tem os pés quentes?

PRESO 2º. - ... que nem um gelo.

PRESO 1º. - Vamos aquecer os pés...? Damos uma volta à casa do pé coxinho. Primeiro com um pé, depois com o outro. Vai ver como aquece!

PRESO 2º. - Tu pensas que eu sou algum gajo pra me pôr a dar voltas ó pé coxinho?!

PRESO 1º. - Atão no mesmo lugar. Quer? Pulamos sempre no mesmo sítio. Quer? Assim! (Pula ora num pé ora noutro) Quer ver? Já 'tão quentes. Mesmo o que não tem peúga.

PRESO 2º. - Aíto agora deita-te e mete-o debaixo do rabo p'ra não arrefecer.

PRESO 1º. - Por que é que você não experimenta também?

PRESO 2º. - Não me chateies, já te disse! Quero dormir!

PRESO 1º. (Vai buscar a sua enxerga, arrasta-a para próximo do preso 2º., chama-o, primeiro devagar, depois alto, com desespero) - Vizinho...Vizinho! Vizinho! (Assistindo que o outro o atenda, baixo, só para se ouvir) Parece que 'tou no fundo de um poço.

(Olha para o outro) Você foi malvado e mesmo assim venho p'ró pé de si. É melhor do que 'tar sòzinho. (Pausa) Você foi malvado. Palmou-me uma peúga e só me deu três fósforos. (Pausa) Vá lá, enquanto tirámos à sorte o tempo custou menos a passar. Se ele quisesse trocava também a outra! (Pausa) Pelo que é qñe havia de ser...? (Não encontra nada) Que mais não fosse por um pedaço conversa. P'ra'noite passar mais depressa. (Insiste; de novo) Vizinho! Oh Vizinho! 'Tá que nem uma pedra. (Pausa) Vizinho! (Fala-lhe com a resignação de saber que ele não ouve nem responde) Se você quisesse eu dava-lhe a outra peúga. Se você quisesse falar comigo... Olhe, se a minha mãe cá vier eu peço-lhe e ela traz marmelada... (O tom de se fazer companhia) Eu gosto de marmelada com café. Sou guloso. Gosto de coisas doces... (Pi-se de mau so) Como é melhor assim: bebe-se primeiro umas goladas de café e depois um pedaço de marmelada - a marmelada é mais doce que o café. Depois outra golada de café. Nessa altura o café parece amargo. É atão dá mesmo vontade de comer mais um pedaço de marmelada! E quanto mais café se bebe mais marmelada apetece comer. (Ri-se) E no fim um cigarrinho. (pausa) Se eu tivesse aqui um cafézinho quente... Já nem falo na marmelada. Nem no cigarro. (Pausa) Ainda se houvesse lume... Aquecia e podia-me entreter a remexer as brasas e as cinzas. (Numa ansiedade crescente) Se ao menos chovesse...! Sempre era uma companhia. (Pausa) Vou ver se penso em coisas, se me lembro de coisas boas. (Tentando) A feira deste ano 'teve mêmo porreira! Tive pena de não comprar aqueles brincos p'ra dar à Chica. Mas custavam um dinheirão...! E quando eu a levei no carrocel... Quando aquilo começou a descer ela apanhou medo e agarrou-se a mim. E eu apertei-a toda! Vinha um calorzinho mais bom do corpo dela... Eu gosto da Chica. Mas a bruta da mãe dá-lhe uma tarefa todas as vezes que a moça fala comigo! Por causa do carrocel andou ela com nódoas um ror de tempo... (Pausa, de novo numa inquietação). Não posso estar. Se me lembro dela ainda é pior. (Num desespero) Por que raio é que a mãe da Chica embirra comigo? (Pausa) É o que é que eu hei-de fazer até de manhã?... (Pausa. Olha para a janela) Se eu pudesse assomar-me além pela janela via a rua, As casas. Pessoas na rua mesmo a esta hora. Se eu tivesse uma escada...! (Levanta-se a uma ideia súbita) Se ele quisesse...! Se ele deixasse eu subia-lhe p'ròs ombros e chegava à janela! (Vai abanar o preso 2º. e grita cada vez com mais força) Vizinho... Oh vizinho! Acorde lá! Acorde! Vizinho! (O outro continua a rressonar.

(O outro continua a ressonar. Preso 1º. levanta-lhe um braço e ele deixa-o cair, inerte. Preso 1º., depois de uma reflexão). Morrer não morreu. Ele ronca. (Pausa) E se lhe deu alguma coisa...? Não responde... Vou chamar gente! Até calha bem. (Dá um berro) Ó da guarda! É bom, vir gente.

PRESO 2º. (Soerguendo-se) - Qu'é...? Qu'é??!

PRESO 1º. Ah... Você não teve nenhum ataque...?

PRESO 2º. Ataque...?! Qual ataque...?

PRESO 1º. Fartei-me de chamar por si, você não acudir... pensei que lhe tivesse dado algum ataque. Por isso é que gritei.

PRESO 2º. - Tu é que deves ter tido algum ataque que te avariou o miolo! Mas vamos lá a saber: o que é que tu querias? Acordar um gajo às tantas da manhã coisa forte tem de ser. Também se não for - racho-te:

PRESO 1º. (Atrapalhado, com medo) - Já não me lembro bem...

PRESO 2º. - Não se lembra, anh?: Diz o que foi, ou racho-te!

PRESO 1º. Não precisa prometer porrada! Ainda por cima! Pensei que você tava com um ataque, chamei por socorro e você agradece-me assim...

PRESO 2º. - Tens um mamar muito doce... Mas eu quero saber é porque é que tu me acordaste. Ou dizes... ou como?

PRESO 1º. - Já nem sei se lho diga... O que eu lhe ia dizer é segredo... uma coisa importante. E você é assim meio disparado...

PRESO 2º. (Curioso) - Diz lá o que é, calcinhas, que a minha boca é um poço sem fundo.

PRESO 1º. - É que... há aí uns gajos que vão fugir e convidaram-me se eu queria...

PRESO 2º. - O quê? Quem é que vai fugir?

PRESO 1º. - Uns gajos lá de cima. Disseram-me se eu queria, e eu lembrei-me de si.

PRESO 2º. - E como é que eles fogem?

PRESO 1º. - Eles têm uma lima, uma coisa especial que é um instantinho.

PRESO 2º. - (Meio desconfiado) - Caramba, fizeste bons conhecimentos logo ao primeiro dia... Isso se calhar era p'ra te gozarem...

PRESO 1º. - Não era, não, eles mostraram-me a lima!

PRESO 2º.- (Mais convencido) - Atão é por causa disso que tu não dormes...?

PRESO 1º.- (Entusiasmado)- Pois claro!... Quem é que pode dormir a pensar que eles de um momento p'ro o outro vão passar, nos atiram a lima, a gente corta as grades e... ala, que se faz tarde?!

PRESO 2º.- Ah, eles atiram a lima...?! E isso é quando?

PRESO 1º.- Esta noite. Deve ser esta noite ainda. Quer vir?...

PRESO 2º.- Se tu fugires não sou capaz de ficar... Mas ouve lá: tu não estarás a variar...? (Faz o gesto, com o dedo na testa) Sei lá se regulas bem do miolo...

PRESO 1º.- Bomara você....! Lá na terra toda a gente dizia que eu tinha muita cabeça. A inventar cantigas ninguém me leva a palma! Bate na cabeça com os nós dos dedos). Solhe a chocho? Não vê que canta bem como as melancias maduras?

PRESO 2º.- Lá lata tens tu de sobra... Ouve lá: e como é que a gente salta? A janela é lá tão acima...

PRESO 1º.- É verdade... Isso é que é pior... Mas olhe, eu já me tinha lembrado: enquanto um se põe assim (Faz o gesto, curvado, de mãos a segurar os joelhos, como no jogo do eixo) o outro sobe. Vamos experimentar? Ponha-se lá.

PRESO 2º.- (Põe-se em posição) - Vê lá! mas não aleij...!

PRESO 1º.- (Consegue subir e agarrar-se às grades)- Vê?! Não custa nada. É bom olhar a rua... Olha, um homem... Não ouve os passos dele? Deve ser bom andar na rua a esta hora. É a única hora, aqui na cidade, em que a gente ouve os nossos passos na calçada. Durante o dia nem se dá por isso. Olhe, vai depressa. Se calhar vai com frio...

PRESO 2º.- Que admiração! Tá um calor que até abrasa! Desce já daí!

PRESO 1º.- Espere! Deixe-me olhar p'ra ver se vejo a sentinela. Ele vai com frio, vai p'ra casa. P'rà cama. É antes de se deitar, naturalmente bebe um gole, p'rà aquecer. Vai ao armário... e se calhar também come. Tira o pão, tira a chouriça...

PRESO 2º.- É capaz de fazer um ovo estrelado.

PRESO 1º.- Depois parte a chouriça às rodelinhas...

PRESO 2º.- Com presunto ainda é melhor.

PRESO 2º.- Bem, mas quem salta primeiro és tu. Se os guardas não virem, assobias devagarinho e atãõ é que eu salto. (Caindo em si) O quê? Mas atãõ, tu saltas... e eu subo por onde? (Furioso) Ah, desgraçado! (Quer bater-lhe. Ele esquiva-se. O outro persegue-o) Querias-me apanhar, anh' Julgas que eu sou parvo! Querias que eu caísse na esparrela?!

PRESO 1º.- (Esquivando-se sempre)- Não queria nada! Pronto, vai você primeiro! Eu não queria nada, você é que disse... Você é que disse p'ra eu ir primeiro, não lembra? Pare lá, não se lembra...?!

PRESO 2º.- (Parando, ainda desconfiado)- Eu é que disse? atãõ se disse foi sem querer. Vou eu primeiro.

PRESO 1º.- (Conciliador)- Tá bem, vai você primeiro.

PRESO 2º.- E tu atãõ, como é que sobes?

PRESO 1º.- Sei lá... (Pensa. Levanta-se, radiante) Já sei! Fazemos uma escada!

PRESO 2º.- Uma escada?! (Resmungão) Tá bem... uma escada mas com quê?

PRESO 1º.- Com roupa.

PRESO 2º.- Mas qual roupa?

PRESO 1º.- Nossa.

PRESO 2º.- Não hás-de querer que eu me vá pôr em pêlo p'ra fazer a escada?!...

PRESO 1º.- Não digo que se ponha em pêlo... mas eu acho que é melhor rapar um pedaço de frio do que estar aqui enterrado vivo.

PRESO 2º.- Ná... ficar a bater os queixos p'ra fazer uma escada que eu nem sei se vai servir p'ra alguma coisa... Não é o filho da minha mãe que cai daí abaixo...

PRESO 1º.- Se serve p'ra alguma coisa...?!

PRESO 2º.- (Azedo) - Sei lá no que isso tudo vai dar! Se os outros forem como tu... Coisas de malucos!

PRESOS 1º.- Aí é coisa de malucos arranjar maneira de sair deste buraco?! Pois atãõ sou maluco, sim senhora! Tenho raiva ao escuro. Não tenho jeito p'ra salamandra. (Pausa) Olhe, achei uma coisa: a gente pode fazer a escada e não gastar a nossa roupa.

PRESO 2º.- Atãõ?!... Pedes a do guarda emprestada, não?

PRESO 1º.- Faz-se a escada de uma manta. Uma manta chega p'ra gente os dois. Faz-se a escada da outra. Preso 2º. não responde) (Espionando-lhe os movimentos, ansioso) Vamos fazer a escada!

Quer? Uma manta dá bem p'ròs dois (Pausa) E até se pode pôr atravessada! (O outro continua calado) E os dois juntos temos menos frio. Sempre fazemos calor um ao outro.

PRESO 2º. (Desconfiado) - Olha que eu às vezes parece-me que tu... Fica desconfiado; se vens p'ra cá com coisas e docuras racho-te, ouviste? Racho-te! Se isso da manta traz água no bico parto-te as trombas!

PRESO 1º.- Não seja parvo! Eu cá não sou desses e não gosto que você me diga isso. Pois fique sabendo que tenho mulher. (Pensando) Agora, por acaso, não tenho. (Vivamente) Mas já tenho tido. (Entusiasmado) É bom ter uma mulher, anh!.. (Esfrega os joelhos) Se eu tivesse aqui uma mulher... bem se me dava a mim do frio! Uma mulher aquece mais que as mantas todas do mundo.

PRESO 2º. (Rindo-se alarvemente) - Não era mau, não! Uma mulher... não era mau! Gordinha...

PRESO 1º. O que é que você dava p'ra ter agora aqui uma mulher!?

PRESO 2º. O que é que eu dava? (pensa) Nada. Não tenho nada p'ra dar. Olha, dava-te a ti, que não fazias cá falta nenhuma... (Ri-se)

PRESO 1º. (Ri-se)- Atão vamos à corda, ou quê?

PRESO 2º. 'Tou mas é com sono.

PRESO 1º. - Olhe que eles podem aparecer de repente. Podem aparecer daqui a cinco minutos. E a gente se não tem escada, fica a olhar.

PRESO 2º.- Vá lá ver, atão... Mas tu não podes ir fazendo isso enquanto eu durmo?

PRESO 1º.- Não, você precisa de pegar numa ponta p'ra eu fazer uma trança, assim como as mulheres fazem com os cabelos.

PRESO 2º.- (De mau modo) - Atão vá lá!

PRESO 1º.- (Cheio de dinamismo) - Bem, é preciso cortar a manta. Corto eu ou corta você?

PRESO 2º.- Sei lá cortar isso? Eu cá cortar (ri-se muito) cortei-me uma vez nas contas do patrão e por isso é que vim aqui parar. (Ri-se alarvemente) É rico que nem uma besta. Foi uma piada gira, não foi?

PRESO 1º. (Sério) - Foi. Continua a rasgar a manta)

PRESO 2º. - Parece que não achaste. Mas foi uma piada gira, fica sabendo. Gostava que os rapazes ouvissem... Era uma barrigada de rir.

PRESO 1º. - Quais rapazes?

PRESO 2º. - A malta, lá de fora.

PRESO 1º. (Sonhador) - Lá de fora... Vamos acabar depressa! E depois a gente sobe pela escada com jeitinho, p'ra não se partir... E depois a gente chega lá acima e ~~vê~~ a rua... e está-se nas tintas p'ra esta malvada escuridão!... Veja lá, quem me havia a mim de dizer... Às vezes, quando dormia nas ervas e a manhã rompia e fazia muita claridade, dizia cá p'ra mim; ~~má~~ rasteparta o sol! Quem pudesse estar às escuras para dormir descansado! (Ouve-se o outro roncar, deitado. Preso 1º. vai acordá-lo) Acorde lá! Acorde! Olhe que eles tão a vir. Acorde! (O outro resmunga, volta-se para o outro lado) Acorde! Tem que me segurar nisto, p'ra eu fazer a escada!

PRESO 2º. (Levanta-se, bruscamente) - Oh! grande besta, cala-te! Não vês que podem ouvir?! (Escuta) Não ouves nada?

PRESO 1º. - Qualquer coisa.

PRESO 2º. - É capaz de ser o guarda. Esconde isso. Depressa. Debaixo do colchão! (Preso 1º. põe o colchão em cima das tiras. Esperam os dois, muito quietos)

PRESO 1º. (Devagarinho) - Se ele vier eu digo que 'tava a sonhar alto...

PRESO 2º. - Cala-te! (Esperam mais um bocado)

PRESO 1º. - Não vêm. Não era nada.

PRESO 2º. - Ias arranjando a bonita! Patego!

PRESO 1º. - Vamos fazer a corda? Você pega nas tiras e eu faço a trança. (Ouve-se um galo lá fora)

PRESO 2º. - Então mexe-te! Daqui a pouco é manhã!

PRESO 1º. (Deliciado) - Daqui a pouco é manhã...

PRESO 2º. - Parece que ficas muito contente! És parvo ou quê? Quanto mais tarde eles vierem menos tempo temos p'ra nos safar.

PRESO 1º. - Ah! é verdade. Vamos lá atão depressa. Ajude aqui. (Continua a rasgar as tiras. Pausa) Você ainda não me perguntou porque é que 'tou aqui.

PRESO 2º. - Isso é lá contigo (Curioso) Mas se tens assim muita vontade de contar...

PRESO 1º. - Foi por causa de uma chouriça.

PRESO 2º. - De uma chouriça?

PRESO 1º. - E de um queijo. De um queijinho fresco. De ovelha, ou de cabra, sei lá, nunca lhe cheguei a tomar o gosto!

PRESO 2º. (Ri-se) - Palerma! Preso por causa de um queijo... Roubaste-o?

PRESO 1º. (Encolhe os ombros) - Tinha fome. Lá na terra diziam: em Lisboa, sim ! lá é que há dinheiro à zana! E trabalho: quarenta mil réis por dia! Vim. Qual trabalho! Quais quarenta mil réis! Fome é que havia. Fome! Passei e 'tava uma montra cheiazinha de coisas de comer: queijos dos grandes, presuntos, garrafas de vinho... Pus-me a olhar. Tinha tanta fome que me subiu um almareio pela espinha acima de ver aquillo tudo. Fiquei ali um ror de tempo, não era capaz de desarrincar. Pus-me a ler os papéis das garrafas. Eu bem dizia cá p'ra mim: "anda-te embora, homem ! Nunca viste garrafas?" Mas não eram as garrafas, não... Eram as chouriças, eram os queijos, era a danada da fome que eu tinha a roer-me o bucho. Atão olhei e vi mesmo ao pé da porta uma data de chouriças e uma tabuinha com queijos frescos, a escorrer. Ah! 'nha mãe, não lhe digo nada, nem pensei o que fiz: entrei, agarrei com uma mão uma chouriça, com a outra um queijo e desatei a fugir. Foi isso que me desgraçou. Um polícia viu-me a correr. apegou-se a mim e perguntou-me, de cacete no ar: "Que é que fizeste? Adonde vai, malandro?"

PRESO 2º. - E tu?

PRESO 1º. - Calei-me. O que é que havia de dizer? Que ia a correr atrás de um porco ou de uma ovelha, não?...

PRESO 2º. - Dizias que ias apanhar o eléctrico.

PRESO 1º. (Pausa) - Só s'isso... (Pesaroso) É verdade, podia ter dito. (Lembrando-se) Mas não valia de nada! Ele viu a chouriça e percebeu logo.

PRESO 2º. - Atão tu não escondeste isso, patego?!

PRESO 1º. (Encolhe os ombros) - O queijo meti na algibeira, mas a chouriça não coube. Era uma boa chouriça, grossa.

(Lembrando-se com raiva) E veja lá o gatuno! Meteu-me as mãos nas algibeiras, embolou-se no queijo e atirou-o fora, p'ró chão, a chamar-me nomes! E depois limpou os dedos no lenço, o maldito! No lenço! (Pausa) Com a fome que eu tinha eu até era capaz de lhe lambar os dedos. E disse-me "Vás p'ra cadeia, gatuno!" (Pausa) E a chouriça sabe o que lhe fez? Obrigou-me a ir levá-la ao dono. Toda a gente a olhar, os moços a fazerem pouco... (Numa ravasca) Já agora, roubada, se ele me vinha trazer p'rá esquadra devia-me ter deixado comer, não acha...? Há bocado, quando trouxeram o almoço, eu já nem sabia se tinha fome se tinha um gato a comer-me as tripas. Mas agora o que quero é livrar-me deste maldito buraco! (Prepara-se para entrançar) Segure com força. Estique bem isso Estique!

PRESO 2º. - Vê se te mexes em vez de falares.

PRESO 1º. - Eu ainda me mexo melhor quando falo. Falar de coisas que eu gosto dá-me força nos braços. Não vê? (Pausa) Você parece que 'tá a ficar mais meu amigo.

PRESO 2º. - Porque é que te lembraste disso agora?

PRESO 1º. - Parece-me. Segure bem que isto vai na brasa. Você já não desconfia de mim. Estique. Diga lá: não é verdade que você já não desconfia de mim?

PRESO 2º. (Como quem condescende em responder às perguntas de uma criança) - Não... tenho mais que fazer do que desconfiar de ti. Acaba mas é isto.

PRESO 1º. - Tá quase. Pois olhe, eu desde que comecei a fazer esta trança que gosto de si. Gosto de si como se o conhecesse há muito tempo. Nunca mais me há-de esquecer na vida este momento: você a agarrar as tiras com força, eu a entrançar, toma, toma, e quase a chegar ao fim, quase, quase, quase (Ao ritmo de entrançar) e a manhã espera, espera um bocadinho, espera pela gente, tá quase, tá quase, tá quase no fim - até parece um comboio - tá quase, tá quase, tá quase... A manhã tá quase, tá quase a romper, e o galo tá quase, tá quase a cantar, e a corda tá quase, tá quase no fim... E a gente não cansa, não cansa, não larga, e o escuro tá quase, tá quase a passar. A gente é que pôs o escuro na rua, a gente é que pôs o escuro na rua. Tá quase, tá quase, tá quase na rua!

(Para o outro) Diga comigo p'ra isto ir mais depressa: tá quase, tá quase, tá quase na rua. (Para o outro) Vá lá, diga! (O outro começa, desajeitado a querer meter-se também dentro do compasso).

OS DOIS - Tá quase, tá quase, tá quase na rua.

PRESO 1º.

E a gente a fugir
E a lua a correr
Eh! cavalo branco!
Eh! burrinho manso!

(Para o outro) - Vá lá!

E a gente a fugir

(Para o outro) - Diga comigo!

E a lua a correr

(Os dois)

E a gente a fugir
E a lua a correr.

PRESO 1º.

O burrinho manso
Tem fome, tem fome
A lua é de leite
Um queijinho branco.

(Os dois)

E a gente a fugir
E a lua a correr

PRESO 1º.

Cavalinho branco
Corre atrás da lua
A lua é de almece
branquinha de leite

(Os dois)

E a gente a fugir
E a lua a correr.

PRESO 1º.

O burrinho manso
Tem frio e tem fome
Tem medo do escuro
A lua é bonita.

(Os dois)

E a gente a fugir
E a lua a correr

PRESO 1º.

A lua tem medo
Tá cheia de frio
Cavalinho branco
Tem pena da lua.

(Os dois)

E a gente a fugir
E a lua a correr

PRESO 1º.

O burrinho manso
Tem o bafo quente
Tadinha da lua
Que chora de frio

(Os dois)

E a gente a fugir
E a lua a correr.

PRESO 1º. (Sem fôlego) - Canta tu, eu já não posso mais.

PRESO 2º. - Dá cá que eu faço. Segura tu agora.

PRESO 1º. - Tu não sabes.

PRESO 2º. - Sei Já sei. Agora já sei. Ainda agora estava com sono. Dá cá. Segura tu. Porque é que eu também não hei-de ser capaz?! (Trocamos os lugares) Tá quase no fim. Só faltam 3 tiras. (Ata mais três tiras) Já me passou o sono. (Experimentando os nós) Aguentas com a gente, ou quê?! Segura tu agora.

PRESO 1º. - Canta. Inventa qualquer coisa p'ra isto ir mais depressa.

PRESO 2º. - Eu sei lá... Não tenho jeito p'ra versos.

PRESO 1º. - Não são versos. É p'ra ir mais depressa. Diz qualquer coisa que te venha à cabeça.

PRESO 2º. - (Ao ritmo de entrançar) - Não gosto, não gosto de estar aqui dentro. Quero ir lá p'ra fora, quero ir lá p'ra fora.

(Os dois)

Quero ir lá p'ra fora
Quero ir lá p'ra fora.

PRESO 2º.

Lá fora é que é vida
Lá fora é que é vida
Há gente, há mulheres
Há casas, há ruas

(Os dois)

Quero ir lá p'ra fora
Quero ir lá p'ra fora

PRESO 2º.

Há gente há amigos
Os pés estão quentes
Presunto na mesa
E um ovo estrelado

(Os dois)

Quero ir lá p'ra fora
Quero ir lá p'ra fora

PRESO 2º.

E sabe bem rir
E sabe bem rir...

(Pára, sem saber o que acrescentar. O outro vai em seu socorro, e repetem, eufóricos).

(Os dois)

E sabe bem rir
E sabe bem rir!

(Riem os dois ao mesmo tempo. Preso 2º. cala-se, de repente e faz com a mão sinal ao outro para que também se cale).

PRESO 2º. - Ouviste?

PRESO 1º. - O quê?

PRESO 2º. - Barulho.

PRESO 1º. - De quê?

PRESO 2º. - Sei lá.

PRESO 1º. - Como era?

PRESO 2º. - Ou são eles ou o guarda. Se calhar ouviram. Esconde isso!

PRESO 1º. (Esconde. Escuta) - Tava mesmo quase. Deus queira que não sejam. Tava quase. Tava mesmo quase! (Silêncio. Escutam mais algum tempo)

PRESO 2º. - Naturalmente foi algum a roncar.

PRESO 1º. - Se calhar... Bem, tenho que ir lá acima prender isto às grades.

PRESO 2º. - Que horas serão?

PRESO 1º. - Sei lá... São horas de andar com isto p'rá frente! Anda, põe-te lá p'ra eu subir. Como 'inda agora. (Preso 2º. põe-se em posição. Preso 1º. salta-lhe para cima. Olha para fora)

PRESO 1º. - Olha, uma pessoa.

PRESO 2º. - Nunca viste pessoas? Despacha-te lá!

(Preso 1º. enfia a corda por uma grade e abarca ainda outro ferro de forma a ficar entre as duas pontas pendentes um intervalo para se poder depois aplicar o degrau. A corda vem cair mesmo junto do chão)

PRESO 2º. - Bestial!

PRESO 1º. - Nem por isso... Não sobra p'ra fazer os degraus. (Pausa) Só s'amarinhar. Eu cá se calhar não sou capaz. E tu?

PRESO 2º. Sei lá fazer macaquilces...

PRESO 1º. - Experimenta. Olha, eu vou descer e a gente depois vê. (Dá uma olhadela para a rua) - Não passa ninguém. (Escuta) 'Tás a ouvir? Um grilo!

PRESO 2º. (Impaciente) - Salta!

PRESO 1º. - Aí vou. (Desce) Bem, agora vê lá tu se és capaz. Agarra bem a corda.

PRESO 2º. - São duas.

PRESO 1º. - Não faz mal, agarra um em cada mão. Sempre fica mais forte.

PRESO 2º. (Agarando-se com as duas mãos) - E agora?

PRESO 1º. - Põe as mãos o mais alto que possas. No bico dos pés. Assim. Agora vê se és capaz d'amarinhar.

PRESO 2º. - Tantas vezes que eu vi o Tarzan fazer isto e nunca liguei nenhuma! Se eu soubesse que me vinha a fazer falta...

PRESO 1º. - Vá lá, sobe!

PRESO 2º. (Põe-se no bico dos pés tenta subir, e estatelase, com um grito, deitado no chão, a escutar)

PRESO 1º. - Não ficaste mal comigo, eu não tenho culpa, não é verdade?

PRESO 2º. - Quem é que te está a dar culpas? Temos é que arranjar maneira de subir. Estamos a perder tempo! Eu não sou capaz de subir isso, tenho a certeza.

PRESO 1º. - Eu ajudo. Eu empurro-te o rabo p'ra cima.

PRESO 2º. - Isso não vai assim de empurrão. Experimenta tu. Olha, se tu fosses capaz, saltava eu primeiro por cima de ti e tu depois subias pela corda.

(Preso 1º. agarra-se à corda, tenta subir em vão)

PRESO 2º. (Com uma certa satisfação) - Também não és. 'Tavas-me a dar conselhos mas tu também não és! (Lembrando-se e ensombrecendo) O pior é que assim 'tamos tramados. E agora? Só se fizeres os degraus.

PRESO 1º. - têm que se fazer.

PRESO 2º. - De quê?

PRESO 1º. - Do mesmo.

PRESO 2º. - Da outra manta?! 'Tás parvo? E se eles não vêm hoje? É o frio e é os gajos de cá que dão por falta. Uma sempre se disfarça melhor. Agora as duas...

PRESO 1º. (Ansioso) - Atão o que é que se faz...?

PRESO 2º. (Encolhe os ombros)

PRESO 1º. - As peúgas não chega. E mesmo 'tão podres.

PRESO 2º. (Num assomo de irritação) - Ah! tão podres! Mas ainda agora p'ra me palmares os fósforos eram uma maravilha! (Caindo em si) Quero lá saber disso agora! Temos é que arranjar uma maneira qualquer de sair daqui! Escuta! (Ouvem os dois) Ouvi qualquer coisa. Serão eles a dar sinal?

PRESO 1º. - Sei lá... (Ficam os dois à escuta)

PRESO 2º. - Parou. Não devia ser nada. Experimenta lá outra vez se és capaz.

PRESO 1º. (Desanimado) - Não sou. Já vi que não era capaz.

'Tou fraco. É de não comer. Assim que chegar à minha terra hei-de beber uma gemada. Com vinho.

PRESO 2º. - Deixa-te de gemadas, e vê lá se desenrascas isto! Achas que as peúgas não prestam mesmo? Sempre eram dois degraus.

PRESO 1º. (Sombrio) - En! Partem-se logo; Um cú de bomba és tu.

PRESO 2º. Merda...

PRESO 1º. (Pensando) - Só se... Só se fosse as camisololas...

PRESO 2º. - De quem?...

PRESO 1º. - Da gente, ora de quem havia de ser.

PRESO 2º. - As camisololas...! Mas e o frio?

PRESO 1º. - A gente tapa-se com a manta. E pode-se fazer muita coisa p'ra aquecer. Estar neste buraco é pior que ter frio.

PRESO 2º. (Numa resolução) - Atãõ vamos lá a isso. (Despem-se, tiram as camisololas, ficam a tiritar de frio) Vai ser bonito. Se eu mesmo com isto 'tava entenguido, sem nada atãõ é que há-de ser bom.

PRESO 1º. - Deixa lá, a trabalhar a gente não sente o frio.

PRESO 2º. - E Depois. lá fora?

PRESO 1º. - Ora, a gente tem lá vagar depois p'ra pensar no frio! (Pega nas camisololas) Vamos lá. Vamos atá-las. Vai ser bonito quando amanhecer, lá fora.

PRESO 2º. - Tomara eu que nunca mais amanhecesse. Com o escuro a gente safa-se melhor. Achas que eles vêm ainda hoje?

PRESO 1º. Talvez. Se puderem, vêm.

PRESO 2º. Já será muito tarde?

PRESO 1º. - Talvez não. (Pausa) Depois de t'ar neste buraco, vai ser bonito ver romper a manhã. A mim até me custa a acreditar que ainda haja manhã. Os que 'tãõ lá fora não sabem avaliar. Eu quando andava à solta também não sabia. Agora até de ver pedras tenho saudades.

PRESO 2º. - Se é por isso... pedras tens aí no chão. É de laje.

PRESO 1º. - Mas é que estas pedras são outra coisa... 'Tãõ como a gente, aqui dentro. Eu gosto é das outras, das que andam à solta.

PRESO 2º. - O que será que vai ainda aparecer p'ra nos lixar!... E os gajos não há meio de virem! Tenho um frio que não seguro os queijos.

PRESO 1º. - Mal de nós se eles já tivessem vindo. Pronto! Agora ajuda-me: (Sobe de novo, apoiado ao Preso 2º., e amarra o 2º. degrau. Sobe para ele, agarra-se às grades. Num exclamação espontânea de alegria) Olha, o céu já tá que se claro! Quase que já não vêem as estrelas.

PRESO 2º. (Num desânimo) - Já ? Atão já não pode ser hoje. (Irritado) Tanta coisa p'ra isto! Se eu soubesse...

PRESO 1º. - Naturalmente tiveram que deixar p'ra amanhã...

PRESO 2º.- Desce daí. 'Tou cheio de frio.

PRESO 1º. - Vai-te embrulhar na manta. Eu fico aqui mais um pedacinho. Deixa lá, não fiques triste. É amanhã. Amanhã, não, hoje à noite. O dia nem vai custar a passar porque é logo à noite. (Olhando para fora) É quase de manhã. Já podiam apagar as luzes da rua, não fazem nada acesas. (Escuta) Um mocinho pequeno a chorar p'ra aí numa casa qualquer... Naturalmente 'tá com fome. Quer mama... Parece um borreguinho... (Lembrando-se) A estas horas 'tão eles a ordenhar as cabras. Olha, um leiteiro. Não ouves as bilhas? É o padeiro. Quase que me chega o cheiro do pão mole. Quase tão bom como o gosto. Olha, uma carroça com couves... e cenouras, e tomates. É uma abóbora! Ena! que grande abóbora! 'Tá coradinha, tem 'estado ao sol... Coitado do burrico! 'tá tão magro que se lhe vêem as costelas... (Faz ouvir o som característico e costumado para incitar os burros a andar) Olha! Olha! (Ri-se, entusiasmado) Levantou as orelhas e pôs-se a andar com a carroça ...! É o dono a correr atrás... (Falando para fora) O quê? Que mal fez dar de vaia ao burrico? Ah! lá chamar nomes não vale!

PRESO 2º. (Que dormia, acordado, com as vozes, levanta-se, assarapantado) - Com quem falas tu?

PRESO 1º. - Com o homem do burro. O burro 'tava parado, eu fiz-lhe assim (Faz o som) e o burro pôs-se a andar.. O homem viu que fui eu, ficou danado!.

PRESO 2º. (Furioso) - Desce já daí desgraçado! Desce daí! Onde é que tu pensas que estás?! E se te vêem?! E se te ouvem?! Desce daí!

PRESO 1º. (Descendo) - Tens razão. Esqueci-me. Não te xangues. Tens razão. 'Tou-me sempre a esquecer que 'tou preso.

PRESO 2º. - Esconde a escada, que eles podem aparecer! Já é manhã. (Vai, enrolado na manta, pôr-se em posição dele subir para as costas para tirar a escada. Ele tira).

PRESO 1º. - Que pena não poder ficar pendurada o dia - i todo! Sempre se podia ir tomar ar de vez em quando. (Desce e vai esconder a escada debaixo do colchão) Tens 'tado adormir!?

PRESO 2º. - Sim... Mas assim que prego olho fazes logo disparates! Senão fosse eu já te tinham apanhado esta noite uma data de vezes. É a mim, também.

PRESO 1º. - Lá isso é verdade. Se não fosses tu... nem sei como tinha aguentado esta noite aqui metido. E o que i valeu foi nunca 'tar parado!

PRESO 2º. (Deita-se. Preso 1º. fica a olhá-lo, a estremer de frio) - Tens frio?

PRESO 1º. - Agora tenho.

PRESO 2º. - Tapa-te. (Senta-se na enxerga. Preso 1º. senta-se ao lado. Tapam-se os dois com a mesma manta pelos ombros)

PRESO 1º. - É engraçado. Na cidade há tudo como no campo. Há galos, há grilos, há burros, há abóboras. Mas é só de noite ou de madrugada. Não se misturam com as pessoas. (Preso 2º. não responde. Outro Tom) Eles dão alguma coisa p'ra comer pela manhã?

PRESO 2º. - Café. (Pausa) Porque é que não ficaste no campo? Se é lá que tu gostas de estar...

PRESO 1º. - É preciso governar a vida. Lá não se governa a vida. Tudo tem dono. Mas eu também gosto disto aqui. Quando cheguei parecia maluco, a olhar p'ràs casas, p'ràs luzes... Eu gosto das luzes, das casas altas, de ver muita gente. O que é, é que eu cá não conheço ninguém. Ninguém p'ra dizer do que é que gosto e do que é que não gosto. E assim nem dá vontade gostar de nada. Mas ainda o pior é não arranjar trabalho. Numa terra tão grande será que também tudo tem dono?

PRESO 2º. - as coisas são mas é de quem as sabe meter debaixo do casaco, com jeito, com manha, sem ninguém ver... Eu também não tenho jeito.

PRESO 1º. - Eu gostava de trabalhar aqui na cidade contigo. Onde é que tu 'stavas?

PRESO 2º. - Nas obras.

PRESO 1º. - De quê? De casas?

PRESO 2º. - De tudo o que meta dimento, ferro, pedra e malandrice dos homens. Sobretudo malandrice... Eu é que me governei. E era eu quem fazia as contas...

PRESO 1º. - Se a gente saísse daqui e tu voltasses p'rô trabalho e se eles me quisessem lá também... isso é que era bom. 'Tavas tu lá, volta e meia dávamos um dedo de conversa, passava depressa o tempo. E mesmo que tu às vezes disparatasses comigo, eu não me importava. Éramos amigos. Não fazia mal. Agora quando gajos que eu não conheço me tratam como se eu fosse um trapo ou um cão vadio... (Contando) Ontem, ontem,... e já parece que foi há cem anos... ontem fui a um sítio pedir trabalho. Eram dois gajos. Olharam p'ra mim e grunhiram: "Não Há!" E eu disse: "mesmo que seja a ganhar poucacinho. Eu sou assim uma fraca figura mas tenho força". Quando eu disse isto um deles olhou-me cheio de despreso e riu-se. Riram-se os dois de mim. De eu estar magro, de ter cara de fome. Riram-se. (Abre-se a porta e entram dois guardas. Acende-se uma luz forte que inunda a cela. Preso 1º., num movimento espontâneo de pavor, agarra-se ao outro.)

GUARDA - São estes. Era daqui.

CHEFE - Acordaram cedo... Que barulho é este? O que é fazem aí?!

PRESO 2º. - Nada. Tenho frio...

CHEFE - E que segredinhos é que estão a dizer?! Por que é que não está cada um na sua cama?

PRESO 1º. - Távamos a conversar... Eu não fui capaz de dormir. É de ser a primeira noite... Ainda não 'tou habituado...

CHEFE - Ai não!? (Levanta a manta com brutalidade. Eles ficam a tremer de frio. Para preso 1º.) Vai para a tua cama! (Preso 1º. senta-se na cama) Deita-te! (Preso 1º. deita-se, fica destapado, cheio de arrepios) E a manta? (Desconfiado) O que é que fizeste à manta?

PRESO 1º. - ...? Deve estar pr'aí. (Olha em redor)
(Para preso 2º) Sabes da minha manta?

CHEFE - Levantaste ! (Faz sinal ao guarda) Revista.
(Guarda levanta os colchões. Aparece a escada) Olá ! Ai ele é isso ? Com que então uma escadinha, anh?

PRESO 1º: - Era só p'ra ver a rua, Senhor Guarda. Juro!

CHEFE (Emendando) - Senhor Guarda-Chefe. Dá cá a lima.

PRESO 1º: - Não tenho lima nenhuma. 'Tá a ver como é a verdade o que eu digo? Era só p'ra ver a rua. Não era p'ra fugir. Eu não tenho lima nenhuma!

CHEFE (Para o Guarda) - Revista-os.

GUARDA - Dispam-se ! (Eles despem o casaco, ficam de tronco nu. O Guarda mete-lhes a mão nos bolsos. Atira tudo para o chão: do bolso do preso 2º, duas pontas de cigarros; do preso 1º, um fio, uma rolha, um pedaço de pão duríssimo, um lenço esburacado, uma chave grande, a caixa de fósforos) Descalcom-se! (Eles descalçam-se, exibindo os pés com uma única peúga esburacadíssima. O guarda revista os sapatos).

GUARDA -(Dirigindo-se a Preso 2º.) - Diz depressa onde tens a lima que é melhor p'ra ti.

PRESO 1º. - Fui eu ! Ele não tem culpa. Fui eu que fiz a escada. Mas não tenho lima. Juro. Era por causa do escuro . Não era capaz de dormir. Era só p'ra ver a rua, pessoal...

GUARDA - Cala o bico! Vai lá gozar a tua avó! (Despeja a palha dos colchões. Depois volta-se para o Chefe e faz com a cabeça e os ombros que nada).

CHEFE (Para o guarda) - Comunica ao Director.

(Guarda sai. Chefe volta-lhes as costas. Silêncio. Tira do bolso uma cigarreira metálica, abre-a, escolhe um cigarro. Fecha-a. Ouve-se um ruído seco, como uma pequena detonação . Ambos os presos estremecem. O Chefe tenta acender o isqueiro. Falham algumas tentativas. Preso 1º, apanha os fósforos do chão e vai junto dele, a tiritar de frio, tira um fósforo da caixa... Ele percebe o gesto, suspende-lho, com um sinal imperioso).

CHEFE - Deixa isso onde está.

(Preso 1º. volta, sempre a tremer de frio, depõe a caixa de fósforos no chão, com carinho)

PRESO 2º. - Passo-me vestir?

CHEFE (sem se voltar) - Não.

Preso 1º. faz sinal de lhe cuspir. Aproxima-se mais de preso 2º., passa-lhe um braço à volta do pescoço para se apoiar, levanta um pé e tenta aquecê-lo em contacto com a outra

perna. Faz-lhe sinal a ele para que o imite. O outro encolhe primeiro os ombros mas acaba por tomar a mesma posição, amparando-se a Preso 1º.)

(Director chega. Acendem-se mais luzes).

DIRECTOR (Para chefe) - Por que é que eles estão abraçados?

CHEFE (Para eles) - Por que é que vocês estão abraçados?

PRESO 1º. - P'ra nos segurarmos.

CHEFE (Para Director) - Para se segurarem, Senhor Director.

DIRECTOR - E para que precisam de se segurar?

CHEFE - E para que precisam de se segurar?

PRESO 1º. - Para não cairmos.

CHEFE - Para não caírem, Senhor Director.

DIRECTOR (Já irritado) - E por que é que têm medo de cair?

CHEFE - E por que é que vocês têm medo de cair?

PRESO 1º. - Por que temos só um pé no chão.

CHEFE - Porque têm só um pé no chão, Senhor Director.

DIRECTOR - (Renunciando a compreender mas desconfiado) - que se desabracem!

CHEFE - Desabracem-se!

(Preso 1º. e Preso 2º. desabracam-se)

DIRECTOR - (Para Chefe) - Não se lembrou ainda que tenho que escrever...?

CHEFE (Vai à porta e grita) - Secretária!

(Um guarda aparece com uma secretária. Deixa-a junto à porta. Vem junto dos Presos).

GUARDA (Para os Presos) - Tragam-na p'ra dentro!
(Eles obedecem).

DIRECTOR (Para Chefe) - Não se lembrou ainda que tenho de me sentar...?

CHEFE (Para Guarda) - Cadeira!

(Guarda sai a correr e volta com uma alta cadeira de espaldar. Descarrega-a junto da porta, e faz sinal aos Presos para que a levem para dentro. Preso 1º. vai buscá-la mas deixa-a no meio da casa).

GUARDA - Ao pé da secretária! (Preso 1º. leva-a para o pé da secretária, mas deixa-a no lado oposto àquele onde se escreve).

GUARDA - Ao contrário ! (Preso 1º. volta a cadeira ao contrário).

GUARDA - Não é aí ! (Preso arrasta-a para o lado contíguo da mesa).

GUARDA - Não é assim! (Preso 1º. volta a cadeira ao contrário).

GUARDA - Não é assim, é como estava, (Acrescenta em surdina) Grande besta! (Preso 1º. torna a voltar a cadeira

GUARDA - Mas não é desse lado, (em surdina) grandíssima besta!

PRESO 1º. - É... não é... Eu não percebo nada! Nunca vi isto. Não sei p'ra qu'isto serve.

GUARDA - Obedece e não resmungues!

DIRECTOR - Estou à espera!

GUARDA (Solícito) - Está quase, senhor Director.
(Preso 1º. vai colocá-la no lado oposto)

GUARDA - (De cabeça perdida) - És burro! és burro! és burro! (Procura as palavras de uma explicação, com grandes gestos. Não encontra. Desiste. Vai junto à secretária. De lá chama o Preso 1º.) Anda cá! (Põe a cadeira no seu lugar) 'Tás a ver? (Torna a colocá-la como estava) Põe! (Preso 1º obedece). com grande reverência) Senhor Director.

DIRECTOR (Para chefe) - Bem sabe que sou incapaz de ter ideias em cima de uma mesa nua!

Preso 1º. e Preso 2º. olham para os braços despídos, a barriga encolhida de frio. Depois um para o outro).

CHEFE - Sim, Senhor Director! (Para Guarda) Traz o resto do costume, (Em surdina) grande besta!

(Guarda sai correndo. Entra com um tabuleiro. Põe em cima da mesa uma grande moldura com um retrato de família. Um pesa-papeis de vidro às cores. Uma jarra com flores de plástico. Um tinteiro com uma enorme pena ornamental. Um candeeiro de abat-jour).

GUARDA - E quer V. Exª. que lhe mande servir alguma coisa?

DIRECTOR (Denunciando o mau cheiro, de nariz enrugado) - Aqui?!

(Preso 1º. espirra com estrépito).

DIRECTOR -(Enruga a testa em sinal de enojado desagradado. Para Chefe) - Que não se repita!

Preso 1º. olha interrogativamente para Preso 2º. sem perceber).

DIRECTOR - (Para CHEFE) - De que se trata?

CHEFE - Queriam fugir. Fizeram uma escada.

PRESO 1º. Não queria nada fugir! Era só p'ra olhar p'ra fora. Sofro do peito, de falta de ar. Juro!

PRESO 2º. - Cala-te. Não pega. Não adiantas nada.

PRESO 1º. - Mas é verdade! É a pura verdade!

DIRECTOR (Escrevendo) - Tentativa de evasão. Objectos apreendidos do delito?

GUARDA - Uma escada feita de mantas. Das algibeiras de um: um lenço sujo e duas pontas de cigarro. Do outro que tinha a escada: um pedaço de fio, uma caixa de fósforos, uma rolha, uma chave grande e velha, um pedaço de pão duro.

DIRECTOR (Escrevendo) - Objectos do delito apreendidos: uma escada manufacturada de matéria téxtil - Em poder dos delinquentes : um lenço, - talvez para amordaçar o guarda. Uma pequena extensão de cordel - talvez para... (Procurando) para... para reforçar a mordaca. Uma rolha - possivelmente para ... para... bem, de aplicação desconhecida. Uma caixa de fósforos - intuitos nitidamente incendiários. Uma enorme chave de ferro antiquada - que usaria possivelmente como arma de agressão...

PRESO 1º. - O quê...? A chave?! A chave é a do meu palheiro! Que mal é que fez a minha chave...?!

DIRECTOR (Continuando, depois de fazer um sinal ao CHEFE para que os mande calar) - Um fragmento de pão endurecido , com vista a... a ... (Não encontra) - Bem, passemos adiante.

PRESO 1º. (Para Preso 2º., em surdina) - Aquilo é com a gente?...

DIRECTOR (Escrevendo) - Sanção: (Falando para si) Uma carga de pau p'ròs dois, e pr'ò mais espevitado que sofre de falta de ar... (Pensa. O gesto de quem achou. Escrege) Para ambos duas dúzias e meia de vergastadas. Abstenção de alimentos cozinhados durante uma semana. (Para o Guarda) A dose de chicote do costume, a pão e água uma semana, e para aquele que sofre de falta de ar a cela 2ª, sem janela, do isolamento. Podes levá-lo.

GUARDA (Para Preso 1º.) - Veste-te.

PRESO 2º. - Eu também?

GUARDA - Não

Preso 1º. veste-se, curva-se para apanhar as suas coisas)

GUARDA (Impedindo-o) - Larga!

PRESO 1º. - Isto é meu! 'Tava na minha algibeira.

GUARDA - Está apreendido. Segue!

PRESO 1º. O quê? 'tá quê?

GUARDA - P'rá frente!

PRESO 1º. - Quero os meus fósforos! São meus.

GUARDA (Em surdina) - Se não fosse o Senhor Director arreava-te já com isto na pinha!

(Mostra-lhe o cassetete).

PRESO 1º. Não vou daqui sem os meus fósforos! (Ouve-se o Director, escrevendo e lendo ao mesmo tempo: "Tranferência para a cela 20 de isolamento...")

GUARDA (Pega-lhe no braço) - Anda, já disse!

PRESO 1º. (Tentando libertar-se, descontrolado) - Não vou! Quero os meus fósforos! São meus!

GUARDA (Faz o gesto de denunciar Preso 1º.) - Senhor Director...

DIRECTOR (Continuando a escrever) - Agravante : rebel-
dia . (Displícite, para fora) - Reforços!

(Aparecem mais três guardas. Pega cada um em Preso 1º. por sua perna e braço, e arrastam-no para fora).

PRESO 1º. (Debatendo-se e gritando) - Os meus fósfor-
ros! Quero os meus fósforos! Quero os meus fósforos!

DIRECTOR (Acaba de escrever, olha para cima da secre-
tária, à procura de qualquer coisa que não encontra, e gri-
ta para fora) - Mata-borrão!

(Preso 2º. continua tremendo de frio. O pano desce.)